



## A complexa miscelânea da criação

**M**iscelânea – Etim. do lat. *Miscellanĕa, ōrum*, no sentido de “alimentação dos gladiadores”, neutro pl., substv. de *miscellanĕus, a, um*, no sentido de “confundido, misturado”; 1 reunião de textos literários variados e freq. de autores diversos numa mesma obra (resolveu reunir seus escritos numa m.) 2 ext. conjunto confuso de coisas diferentes; mistura, mixórdia.<sup>1</sup> Do étimo à acepção corrente dicionarizada do vocábulo “miscelânea”, esse substantivo feminino remete à ideia geral de mistura, multiplicidade ou reunião de coisas distintas, variegadas, frequentemente de natureza heterogênea, ao mesmo tempo que é capaz de se referir a uma coletânea de textos, de escritos e de diferentes tipos de informação geralmente compilados num único volume ou obra.

Por outra via, desafiando noções tradicionais de identidade e pertencimento, numa compreensão mais plural da sociedade contemporânea, “modernidade tardia”, termo cunhado pelo sociólogo alemão Ulrich Beck, no seu livro *Risikogesellschaft (Sociedade de Risco)*, encontra-se intimamente ligado ao sentido amplo de “miscelânea”. Tal nexos fundamenta-se em razão das complexas interações culturais e políticas vigentes no ambiente onde a “miscelânea” se torna uma característica marcante da vida social e cultural, amalgamando ideias e práticas na “modernidade tardia” – trabalho seminal que dissecas as mutações disruptivas da era pós-industrial e pós-Segunda Guerra mundial, marcada por novos desafios e incertezas.

A engenharia conceitual que conecta “miscelânea” e “modernidade tardia” ancora-se em fenômenos singulares de hibridização cultural, fundindo heranças culturais *sui generis*, traduzindo estilos de vida, gostos, gastos e gestos que produzem uma “miscelânea” de bens materiais e produtos culturais. Ditados pela diversidade da sociedade contemporânea, esses bens e produtos são pilotados pelo processo de globalização – espécie de tapeçaria interconectada, disseminando, para além de bem e mal, práticas culturais no mundo inteiro. A artilharia pesada de inúmeros filósofos, sociólogos e críticos culturais é calibrada em direção a alvos que orbitam a esfera delineada por Beck, sob outros matizes.

<sup>1</sup> (Houaiss digital)



“Pós-modernidade”, “era da globalização”, “sociedade pós-industrial”, “sociedade da informação”, “sociedade do conhecimento” são algumas das vestimentas que traduzem as interpretações particulares da fase histórica que sucede o período moderno, cada qual enfatizando aspectos específicos do contexto social, cultural, político e econômico contemporâneo. É também nessa trilha que Anthony Giddens (1991) denuncia a dupla face da modernidade: aquela voltada para o desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala global, cujos avanços tecnológicos, num cenário favorável, contribuiriam para propiciar uma vida melhor à humanidade; e a que denota o aspecto sombrio da modernidade, já que as oportunidades não são iguais para todos.

A associação do pensamento de Jean-François Lyotard (1979) à ideia de “miscelânea” advém da ênfase na fragmentação, na diversidade e na ausência de uma metanarrativa unificadora na contemporaneidade. Na mesma dimensão analítica, para o teórico da “hipermodernidade” Gilles Lipovetsky (1993, p. 169-175), “é o ecletismo da cultura que reina”, numa fusão completa de todos os estilos: “não se trata mais de criar um estilo, mas de integrar todos os estilos, inclusive os mais modernos [...]”. O pós-modernismo se insurge [portanto] contra a unidimensionalidade da arte moderna, apostando suas fichas em obras fantasiosas, serenas, híbridas”.

Em sua argamassa constitutiva, o pensamento de Zygmunt Bauman explora a ideia de uma sociedade contemporânea caracterizada pela “miscelânea” de identidades, relações e estruturas sociais. Ao esgrimir o conceito de “liquidez”, o sociólogo polonês sublinha o caráter volátil das interações humanas na era da “modernidade tardia”, vislumbrando a “miscelânea” como condição de enfrentamento das noções tradicionais de estabilidade e ordem social. Composição abrangente de fontes inabituais, cujo resultado é um mosaico de nuances, o ecletismo se manifesta não apenas como uma mistura aleatória, mas como uma cuidadosa seleção de elementos cambiantes formando uma síntese multifacetada, mas coesa.

“Miscelânea” reflete, ademais, uma pluralidade de perspectivas, culturas, práticas e valores, formando um todo composto por uma multiplicidade de partes. Qual uma colcha de retalhos resultante da sutura de várias peças de tecido distintas, compreende uma coleção de itens versáteis que, embora diferentes, combinam-se de alguma forma numa totalidade complexa. Num contexto mais amplo, a “miscelânea” pode ainda instar à sobreposição de diferentes recortes temporais e espaciais, implicando a incorporação de influências de épocas e lugares distintos numa única composição, obra ou conjunto.

Por outro lado, a coexistência de experiências e tradições díspares vigentes num mundo globalizado converge para um ângulo agudo em que a porosidade mescla influências, modos, estilos de vida e de comportamento. Com efeito, a “miscelânea” de recortes temporais e espaciais, não raro, reflete a natureza mutável e interdependente da experiência humana, demonstrando como heranças passadas e presentes se trançam para moldar a sociedade contemporânea. Essa fusão de recortes temporais e espaciais, por seu turno, enfatiza a possibilidade de interconexão entre diferentes períodos históricos e contextos culturais dissemelhantes.

Tal compreensão de uma “miscelânea” temporal e espacial pode ser observada na arte, na literatura, na música, na cultura em geral, convidando também a poética a assumir uma centralidade no debate. Derivada do termo grego *poiēsis* (ποίησις), a poesia está intrinseca-

mente ligada à criação/produção artística. Se superarmos o episódio em que Platão expulsa os poetas não apenas da sua república, mas também da filosofia, “[chegando] até a esquecer que a filosofia nasceu da poesia” (BORNHEIM, 1986, p. 61), resta claro que, desde a sua origem etimológica, a poesia é vista como uma expressão artística que transcende a mera representação da realidade, encapsulando pensamentos e emoções ao se vincular com o indivíduo num nível mais profundo.

Garcia-Roza (1990, p. 7) nos lembra que, antes do advento do racionalismo, poesia era *alétheia* (ἀλήθεια), isto é, as palavras faziam parte do mundo das coisas e dos acontecimentos. Eram voz e gesto, dia e noite, verão e inverno. Mediante o uso cuidadoso da linguagem, a *poiēsis* é ato criador que evoca imagens, sons e sentimentos, estimulando a imaginação e acessando a sensibilidade do receptor. Enquanto expressão artística pessoal, perpassou os séculos, influenciando a mutação da poesia em diversas culturas e contextos históricos, numa variedade de formas e estilos que abrangem desde as antigas tradições épicas e líricas até as figurações poéticas atuais.

Partindo de seu étimo, somos levados a reconhecer o seu potencial também na acepção de força vital apta a inspirar, comover e transformar perspectivas e vivências. Na poesia, os fenômenos de “miscelânea” e de hibridização frequentemente se manifestam pela fusão de diferentes estilos e temas. Os poetas muitas vezes recorrem a um sem-número de fontes e referências que vocalizam a diversidade de conhecimento e a trajetória de cada um. Dito de outro modo, a “modernidade tardia” e seus correlatos esteiam-se num alicerce descontínuo, modular, que se concretiza numa forma de disseminação, subsumida na complexidade da desordem vigente desde o início do século XX.

As inovações rápidas na tecnologia, na economia e na cultura criam um ambiente social *mutatis mutandi*, no qual as identidades podem se fragmentar e se multiplicar de modo difuso. Assim, a “miscelânea” pode ser igualmente vista como uma expressão simbólica dessa fragmentação, na representação de uma pletera de experiências definidoras da “modernidade tardia”. Cabe insistir que a “miscelânea” e a hibridização na poesia frequentemente denotam o dinamismo intrínseco às constantes mutações da arte, bem como a interconexão entre diferentes culturas e tradições literárias.

Esses fenômenos permitem aos poetas explorarem temas universais na sua singularidade e singulares na sua universalidade; experienciarem uma linguagem original; desafiarem convenções estabelecidas na elaboração de formas inauditas de expressão poética, disponibilizando uma maneira de refletir sobre questões, como amor, dor, angústia, solidão, finitude, luto e outras vertentes da condição humana. Ao considerar esses elos, podemos compreender como “miscelânea”, *poiēsis* e “modernidade tardia” podem vincular-se, oferecendo *insights* acerca do intrincado emaranhamento da cultura contemporânea e sobre os desafios enfrentados pelos poetas na era da globalização.

Na “modernidade tardia”, a poesia pode ser concebida como um dispositivo de resistência diante da experiência histórica vivida subjetivamente, a *poiēsis* sendo frequentemente contrastada com a práxis – atrelando-se à ação prática ou à execução de um projeto preexistente. Enquanto a práxis remete à realização de atividades práticas ou cotidianas, a *poiēsis* se conecta



ao ato inventivo ou imaginativo de algo genuíno, pioneiro, diferenciado. O processo criativo constitui, nesse sentido, o eixo pivotal para o qual convergem disciplinas, como a filosofia, a crítica literária, a teoria cultural e os estudos estéticos na arte, na literatura e no conhecimento em geral.

O ato de confeccionar, tecer, engenhar a *poiésis* revela-se passível de inter-relacionar-se com a “miscelânea”, à medida que poetas, na “modernidade tardia”, frequentemente recorrem ao leque de influências linguísticas e estilísticas, isto é, ao legado poético de idos remotos, com vistas a enriquecer seu entendimento da historiografia poética, reconhecendo seu contributo para a produção artística contemporânea. Sob a ótica da “modernidade tardia”, o exame da *poiésis* pretérita permite reconhecer como os poetas anteriores lidaram com questões de identidade, fragmentação e diversidade cultural, prenunciando preocupações contemporâneas relacionadas à multiplicidade de perspectivas e à formação de uma identidade hermenêutica autônoma.

Essa abordagem ilumina paralelos entre o passado e o presente, registrando a persistência de certas temáticas ao longo do tempo e identificando como algumas se mantêm relevantes para a análise crítica e a exegese poética ao longo dos séculos. Poetas do passado incorporaram toda sorte de referências culturais, históricas, literárias em suas obras, propondo uma “miscelânea” de temas, tipos e matizes poéticos, ainda que obedientes ao cânone formal de determinado período estilístico em vigência.

Quando a *poiésis* de séculos precedentes é analisada sob a perspectiva da “modernidade tardia”, anui a emergência do conceito de “miscelânea”, iluminando a convergência de dilemas que, do antanho ao coetâneo, do outrora ao agora, refletem as complexidades da condição humana e a vertigem existencial inerente às sociedades de todas as épocas e aos homens e mulheres de todos os tempos, sintetizadas no seguinte poema contemporâneo, do filósofo Marcos Giusti:

O vão que se abre no chão  
ainda é chão.  
O chão que afunda no vão  
ainda é chão.  
O vão é o chão em vertigem.  
O chão é o vão na origem.  
O vão se abisma no chão.  
O chão do abismo é o vão.  
O vão sem o chão não existe.  
O chão sem o vão é planície.  
O vão é o chão que se estranha.  
O chão no vão é montanha.  
O vão e o chão vêm do pó.  
O chão e o vão são um só.

Concebida como um tecido híbrido, composto por retalhos cuidadosamente escolhidos e que, embora distintos, combinam-se formando uma totalidade complexa, conforme discorremos anteriormente, torna-se possível aproximar a ideia de “miscelânea” do “conceito de complexidade” descrito por Edgar Morin (2005, p. 13):



A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...

Para entender essa totalidade complexa, as ciências buscam ordenar fenômenos, afastar o incerto, precisar, distinguir, categorizar, hierarquizar... No entanto, para Morin (2005, p. 13-14), “tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do *complexus*”. A “Teoria da Complexidade” rechaça, dessa forma, uma visão fragmentada, linear e simplificada do pensamento, da língua e da linguagem, considerando que a compreensão de fenômenos complexos não pode estar calcada em uma lógica reducionista e inaugura uma nova forma de fazer ciência, considerando a desordem e a incerteza – o caos – para gerar entendimentos, conhecimento(s).

Assim, a “teoria da complexidade”, surgida no campo das Ciências da Natureza, avançou para outras áreas, como a Linguística Aplicada, por exemplo. O referencial lógico-epistemológico, sob a ótica da complexidade, “religa o que a análise separa, contextualiza o dissociado, reúne o disperso, complexifica o simplificado, historiciza o intemporal e considera o sujeito pensante como produtor e produto de seu pensamento e de suas construções” (MARTINAZZO, 2004, p. 45).

“Miscelânea”, “complexidade” e *poiēsis* afirmam-se, portanto, enquanto palavras-chave, na qualidade de mote, de lema, delineando como que o risco do bordado no tecido escritural dos artigos que integram o presente número da *Matraga*. Nesse sentido, “miscelânea” e “complexidade” são termos que transpassam, com maior densidade, a recolha de artigos que se inscrevem na rubrica dedicada à Língua e à Linguística; enquanto “miscelânea” e *poiēsis* permeiam os textos que articulam a rede de significantes que compõe o cardápio literário.

Abrindo este número de “miscelânea”, na área dos Estudos Linguísticos, contamos com o artigo “Sociolinguística de Contato e Política Linguística: propostas de interseções teórico-metodológicas” das pesquisadoras Mônica Maria Guimarães Savedra e Telma Cristina de Almeida Silva Pereira, da Universidade Federal Fluminense (UFF). As autoras nos agradecem com a apresentação da trajetória dos estudos nas áreas de Sociolinguística de Contato e Política Linguística realizados no Brasil a partir da década de 1990, além de estudos anteriores realizados em outros países. Savedra e Pereira nos mostram, com rigor teórico-científico e metodológico, a complexidade linguística do Brasil, demonstrando se tratar de um país multi e plurilíngue, e evidenciam de que forma a diversidade etnolinguística brasileira passa a ser reconhecida no âmbito da academia. Um dos grandes marcos, nesse sentido, conforme apontado pelas autoras, é a promulgação da Constituição de 1988, pois até então o plurilinguismo e o multilinguismo no Brasil foram, por diversas vezes, fortemente “reprimidos, negados e rechaçados por governos e ideologias autoritárias”. Savedra e Pereira evocam, por exemplo, pesquisas que pontuam a importância do combate ao preconceito linguístico, a cooficialização de línguas em municípios brasileiros, a observação e o estudo de línguas minorizadas (como as indígenas e de imigrantes).





O segundo artigo da área de Estudos Linguísticos é de autoria de Paul Voerker, professor e pesquisador da Universidade Friedrich-Schiller de Jena, na Alemanha, intitulado “Sustentabilidade no ensino de línguas estrangeiras: uma discussão atual e necessária”. No ano de 2015, a Assembleia Geral da ONU adotou a *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, em decorrência da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, ocorrida no Rio de Janeiro, no ano de 2012 – a chamada “Rio+20”. O objetivo central da *Agenda 2030* é guiar a humanidade por um caminho sustentável. Voerker nos apresenta, assim, a importância da discussão sobre a sustentabilidade para a sociedade e, em consequência, para a educação, o ensino de línguas e a formação de professores. O autor advoga que a sustentabilidade pode ser uma fonte potente para gerar conhecimento na sala de aula de línguas, alertando, no entanto, para o grande desafio de fomentar o desenvolvimento de competências para uma educação voltada para o desenvolvimento sustentável. Os escritos de Voerker certamente nos remetem aos estudos sobre a “complexidade” de Morin (1987), nos quais o conceito de auto-eco-organização, que nos leva a entender a indissociabilidade entre o sujeito e mundo, pode viabilizar uma sociedade sustentável.

Na esteira dos estudos de Giddens (1991), que revela a dupla face da modernidade, marcada, por um lado, pelos avanços tecnológicos e, por outro, por aspectos sombrios da globalização, apresentamos dois artigos. Em “O *podcast* como gênero discursivo-digital: história, usos e definições atuais”, os pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Raissa Gonçalves de Andrade Moreira, Denilson Pereira de Matos e Ercilene Azevedo Silva Pessoa apresentam esse avanço tecnológico, entendido como um “sistema de produção e difusão de conteúdos sonoros pela internet”, citando o trabalho de Rezende (2007, p. 2). Para os autores, o *podcast* é muito mais do que um ItemNet, de acordo com a pesquisa de Matos, realizada em 2020, mas um gênero, devido aos padrões responsáveis por sua materialização, com base nos estudos de Bakhtin (2006) e Marcuschi (2008).

O próximo artigo na toada de Giddens (1991) é “A negociação de objetos de discurso em interação digital polêmica no Twitter”, de Francisco Felipe de Oliveira Rocha e Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra, pesquisadores da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). No sentido de Giddens, o avanço tecnológico da interação via Twitter pode gerar situações conflituosas, haja vista a proliferação dos chamados *haters* nas redes sociais, propagando o que se poderia denominar *cyberbullying*. Com base na Linguística Textual e na Teoria da Argumentação no Discurso, os autores analisam a interação de usuários do Twitter, para comentar uma notícia da Agência Brasil (rede pública de comunicação do governo), na qual se emprega a linguagem neutra (“Parlamentares eleitos reúnem-se pela primeira vez em Brasília”), veiculada por um *tweet* da conta oficial de um jornal de grande circulação.

A complexidade inerente aos estudos linguísticos espalha-se para a área do ensino de línguas e adentra a sala de aula no próximo artigo desta edição da *Matraga*: “Práticas, percepções docentes e democratização do ensino de francês: glotopolítica(s) para o reconhecimento do aluno periférico”, de Gilberto Ferreira de Souza da Universidade Federal Fluminense (UFF). O pesquisador apresenta resultados preliminares de sua pesquisa de doutoramento, cuja proposta é voltar-se às práticas e às percepções docentes, de modo a reconhecer e valorizar o público



considerado periférico, almejando o que Souza chama de “reinventar” o ensino de francês na escola pública. Com base no Letramento Crítico e na Pedagogia Crítica freireana, o autor busca o que entende como adaptar o ensino de francês, visando emancipar o cidadão para atuar de forma crítica e solidária em um mundo marcado por formas de dominação, como individualismo, exploração, submissão e acumulação econômica. A pesquisa de Souza também nos remete à discussão de Morin (2005) a respeito da complexidade do mundo histórico-social, visto que o francês ainda guarda marcas do estereótipo de uma língua “de” e “para” uma elite socioeconômica, reforçada por diretrizes curriculares nacionais que insistem em fechar os olhos para a pluralidade, perpetuando políticas curriculares reducionistas ao “ofertarem” (isso para não se utilizar o termo “imponham”) o ensino de apenas uma língua adicional, e isso somente a partir do 6º ano do ensino fundamental. Além disso, por meio de sua pesquisa, Souza almeja oferecer instrumentos para a luta por direitos e justiça social e para o enfrentamento das desigualdades agravadas pelo capitalismo e o neoliberalismo, promovendo solidariedade, protagonismo e, ao mesmo tempo, fortalecimento da coletividade, especialmente nas periferias do sul global.

Encerrando a seção de Estudos Linguísticos desta *Miscelânea*, Elaine Roschel Nunes, da Universidade Federal de Santa Catarina, regala-nos com o seu texto intitulado “A mentoria na formação docente: negociando sentidos na Prática como Componente Curricular (PCC)”, baseado em sua tese de doutoramento, ganhadora do Prêmio “Luiz Antônio Marcuschi” de Teses e Dissertações da Anpoll de 2023. O artigo de Nunes traz à tona a complexidade presente na relação entre teoria e prática que se configura como cerne da formação docente universitária brasileira, já prevista em Resoluções do Conselho Nacional de Educação do ano de 2002<sup>3</sup>. Com base no conceito da Criatividade Local, o foco do artigo de Nunes é a formação de professores nos entrelugares da práxis educativa, bebendo da fonte de Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, buscando responder “Como ser criativo diante das amarras que nos cercam?”, “Até que ponto o professor pode ser criativo?”, “Será que ministramos aulas arcaicas, mesmo dispostos a acompanhar as mudanças?”, indagações essas que já baseavam trabalhos anteriores da autora. Além disso, Nunes discute uma questão de extrema relevância e que merece lugar de destaque na formação de professores, qual seja, a interação mentora/mentor-professoras/es em formação. Baseada em estudos da Psicologia Humanista, a pesquisadora evidencia como a compreensão empática, por meio da escuta ativa e sensível, contribui para a criação de um ambiente acolhedor com vistas a uma aprendizagem dialógica e significativa.

De “miscelânea” e “complexidade”, binômio que nos orientou na apresentação de cinco artigos que integram o volume 61 da revista *Matraga*, notadamente no campo da Língua e da Linguística, voltemos o nosso olhar, nesse momento, para a díade “miscelânea” e *poiêsis*, bússola que norteará a conclusão de nossa caminhada exploratória pelos próximos cinco artigos, lan-

<sup>2</sup> Cf. redação do §5º da Lei 13.415/2017: “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será **ofertada** a língua inglesa” (BRASIL, 2017, *on-line*, grifo nosso).

<sup>3</sup> Cf. RESOLUÇÃO CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. Disponível em: <[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_RES\\_CNECPN22002.pdf?query=curriculo](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECPN22002.pdf?query=curriculo)> e RESOLUÇÃO CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002. Disponível em: <[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_RES\\_CNECPN22002.pdf?query=curriculo](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECPN22002.pdf?query=curriculo)>.



çando luz sobre a seção referente às investigações e pesquisas que compõem a esfera de Estudos Literários e seus respectivos articulistas.

Desembarca de Paris uma abordagem originalíssima do *Magnum opus* de Sartre, *O idiota da família*, elaborada pelo renomado *scholar* do projeto estético sartriano: o artista plástico, filósofo, crítico literário e professor Michel Sicard. Como um arqueólogo, os artefatos que traz à luz integram uma série de escritos inéditos, que ele organiza e publica, preenchendo importantes lacunas de um dos aspectos mais ricos e menos explorados no âmbito das perquirições sartrianas: a relação de Sartre com a arte. O artigo “Flaubert: máquina celibatária”, cujo título, como nos ensina Roland Barthes, funciona como a primeira “lexia” – segmento de texto que pode ser analisado separadamente, permitindo a exploração das diferentes camadas de significado –, nos instiga a perseguir o tracejado labiríntico deixado pelas pegadas do autor. Se Sartre cria um método – a psicanálise existencial – bisturi com o qual, ao longo de três mil páginas de análise, disseca o “homem” Flaubert, na mesma direção de desvelamento, Sicard lança mão de uma “miscelânea” de recursos inovadores, sustentada por uma metodologia caleidoscópica, visando desnudar aquilo que Sartre teima em subtrair ao “olhar do outro”: ele mesmo, desviando de si os refletores, apoiado na estratégia de desenvolvimento do “falar infinito” aplicado à sua presa mais célebre. Nesse sentido, passividade, inércia, perversão, fetiche, hermafroditismo, temporalidade, espacialidade são componentes explorados por Sicard não cientificamente, mas pelo viés da refração vítrea da imaginação. E se um complexo jogo de espelhos implicasse uma comutabilidade de papéis entre Sartre e Flaubert, não como cadáver, mas antecipando o “corpo sem órgãos”, de Deleuze e Guattari, afinal, não estamos diante de dois dos maiores celibatários da literatura mundial?

É gigantesca a dívida da academia brasileira para com o maior poeta contemporâneo de Sergipe – Mário Jorge –, hiato que a análise cuidadosa de Alexandre de Melo Andrade e Katherine de Albuquerque Mendonça fecham com incrível competência, no artigo “Mário Jorge, um poeta inquieto – do silêncio ao grito”. Por sua inserção na “geração de 60”, sua poética dialoga com o engajamento, ao se posicionar contra o arbítrio do autoritário regime militar e as desigualdades sociais. É desconcertante tomar ciência de que esse renomado escritor, cuja vida foi ceifada precocemente por um acidente de carro, tenha publicado apenas um livro – *Revolução* – no emblemático ano de 1968, os demais sendo póstumos. Uma relação com a ideia de “miscelânea” desvela-se, quando a *poiesis* jorgiana “[flutua] por movimentos literários diversos [...] revelando múltiplas facetas de um escritor inquieto”, mas também, pela radicalidade experimental de sua criação, que domina e acolhe técnicas da tradição lírica. Talvez o grande mérito de sua poesia se esteie justamente no aspecto multifacetado de suas composições. Membro do Partido Comunista, esse “ativista” “fez dos seus poemas uma arma na luta contra as injustiças do período ditatorial”. É pela angústia (*Angst*) heideggeriana que Mário Jorge passa do silêncio ao grito, da passividade à ação, sofrendo influência das poesias de vanguarda, da poesia concretista, da práxis social e marginal, sendo histórica e dramaticamente contemporâneo de artistas resistentes, ícones geracionais que, como ele, propugnavam justiça social, tendo, como ele, perdido a vida aos 27 anos: Jimi Hendrix (1970); Janis Joplin (1970); Jim Morrison (1971); Mário Jorge (1973); Peter Ham (1975). Separada do presente por





mais de meio século, sua obra é, ainda, atual, pois segue vocalizando angústias da sociedade contemporânea da “modernidade tardia”

Com eficiência, rigor conceitual e uma seleção arguta de seu suporte teórico, da cidade de Évora, Francisco Saraiva Fino nos brinda com suas reflexões no artigo “A inscrição poética e epitáfio: representação e aprofundamento metapoético a partir de Jorge de Sena e Ruy Belo”, em texto apto a enriquecer a fortuna crítica de ambos os escritores. Nesse sentido, não é de menor importância o estabelecimento de uma relação dialógica entre poesia e luto, nem o entendimento do epitáfio como “tensão e resistência do discurso ao apagamento do sujeito no tempo”, afinal, o epitáfio é o limite extremo de uma meditação acerca “do tempo, do sujeito e da palavra poética”. Como em Eliot, “*Every poem an epitaph*”, o epitáfio se apresenta como refém de sua própria fantasmagoria e impossibilidade de consecução, conforme teoriza Derrida, ao aludir ao “luto impossível” a Paul de Man, e Blanchot, na propositura de um “epitáfio impossível” a seu amigo Bataille. Desenvolvido no âmbito de uma lógica contemporânea de abordagem da questão, o autor evoca a temporalidade, ao se referir ao “desafio do tempo”, fato que remete à “miscelânea” de recortes temporais e espaciais, relacionados à experiência humana, demonstrando como influências passadas e presentes se trançam para moldar a sociedade contemporânea, traduzindo angústia humanas atemporais. Nesse oceano em que a *poiesis* se faz mar, a instabilidade frágil do sujeito produz experiências criativas que dançam na corda bamba sem sombrinha, denominadas fragmentação, heteronímia ou impersonalização. Afinal, se como mostra Eliot, berço e túmulo são corolários, numa dimensão tanatológica, também o são o livro e o ataúde, o literário e o funerário, o escritural e o sepulcral a ponto de questionarmos: não seria todo epitáfio um autoepitáfio metapoético?

No artigo intitulado “Literatura, música, atmosferas: senhorita Else”, Maria Cristina Franco Ferraz enfrenta o desafio de mapear a grande variedade de referências estéticas no texto de Arthur Schnitzler, – cujo pai foi médico de Freud – e históricas, retratando aspectos da sociedade vienense do entreguerras. O fator “miscelânea” faz-se perceber no tabuleiro sobre o qual a autora organiza articulações entre a narração da novela (transcorrida num único dia), a música, mas sobretudo mediante o entrelaçamento de excertos da partitura do *Carnaval* de Shumann com outros fragmentos de uma escrita musical que ritmam a crise final em que a protagonista se abisma. Essa crise é hiperbolizada por um desfecho poético anunciador da ingerência da *poiesis* textual, por meio de uma vasta gama de técnicas literárias: incorporação de metáforas, simbolismos, imagens vívidas, que enriquecem a prosa pela sobreposição de camadas adicionais de significantes. A musicalidade adiciona uma dimensão sensorial à obra, no uso de tonalidades líricas na descrição meticulosa de cenários e ambientes. A escolha cuidadosa das palavras e a atenção aos detalhes contribuem para a sedimentação de uma atmosfera única capaz de desnudar as emoções e os dilemas das personagens, espargindo-se para a psicanálise freudiana, (era a capacidade de avaliação psicológica do autor que chamava a atenção de Freud, a ponto de o pai da psicanálise considerá-lo “o seu duplo”, alguém que, como ele, era “explorador das profundezas”). Todos esses ingredientes amalgamam-se num fluxo narrativo marcado por uma cadência que intensifica a experiência do leitor, oferecendo-lhe subsídios motivadores à atenta recepção da novela.



“A retórica amena de Alexandre de Gusmão (1629-1724, SJ)” é uma pesquisa corajosa, proposta por Isabel Scremin da Silva, em artigo que analisa a obra de um autor pouco estudado pela crítica brasileira atual – o padre Alexandre de Gusmão –, a partir de critérios retórico-poéticos vigentes na época em questão. Apoiada numa bibliografia atualizada, a análise, que segue os passos do jesuíta responsável pela edificação do Seminário de Belém da Cachoeira, apresenta-se de maneira “sutil em sua persuasão, [em] estilo que simula [...] fluidez sem demonstrar simulacro”. Enquanto as duas primeiras seções do artigo concentram-se em investigar a concepção de retórica para Alexandre Gusmão, passando por suas noções de *estilo*, de *simplicidade*, de *humildade*, de *sinceridade* e de *verdade*, contrapondo-se aos exageros de ornamentação elocutória, a terceira seção penetra no terreno da mansidão de afetos brandos e deleitosos, propícios à memorização e ao aprendizado da doutrina católica pós-tridentina. O jesuíta Gusmão era conhecido por sua habilidade tanto argumentativa quanto persuasiva e sua retórica refletia uma abordagem direta e pragmática, com vistas a comunicar seus pontos de vista de maneira clara e eficiente. Sua escrita foi muitas vezes elogiada por sua capacidade de transmitir ideias complexas de maneira acessível e compreensível, o que foi fundamental para o sucesso de seus propósitos de transmitir a palavra de Deus. As metáforas, as imagens, a estética gusmanianas exalam um sabor e um odor sutilmente poéticos que se espriam pelo *corpus* da autora, como um tempero utilizado estrategicamente pelo jesuíta ao equilibrar a unidade retórica apoiada na simplicidade, sinceridade e verdade da palavra divina à mansidão suave, capaz de captar corações para a causa cristã na América Portuguesa dos séculos XVII e XVIII.

Numa argumentação bem fundamentada e grande desenvoltura no manejo da crítica especializada, é de Alagoas que Gilda Vilela Brandão nos traz um estudo necessário sobre o escritor Jorge de Lima. Em seu artigo, a autora confronta uma obra desafiadora, num percurso investigativo que lhe permite transitar por seus poemas, conduzida por um fio de Ariadne, graças ao qual, penetrará no coração da poética limiana, marcada pela noção de temporalidade. Detalhando seus propósitos já no início do texto, o artigo contribui para confirmar ilações da autora sobre o escritor, desvelando as linhas de força que subjazem a essa poética – as temáticas de versatilidade de uma lírica pluridimensional e palimpséstica. O aspecto multifacetado de nosso poeta-poliedro, isso é, o item “miscelânea” que caracteriza essa obra faz-se notar desde o resumo do artigo: “Poesia neoparnasiana, modernista, surrealista, hermética, social, católica, são esses os paradigmas críticos atribuídos [...] à criação poética de Jorge de Lima”. O ecletismo artístico do poeta se abre, assim, ao hibridismo estilístico da criação, devido à grande porosidade existente nas sucessivas fases dessa poética: num primeiro momento, valorizando a precisão formal e a musicalidade na poesia, avançando para a fase religiosa da *Invenção de Orfeu*, acolhendo, em nova mutação, o sincretismo multicultural da cultura afro-brasileira, na sua arte experimental aberta a formas e estilos inéditos. A inserção do escritor nas fileiras do modernismo é problematizada e a pedra de toque do pensamento do poeta, que, segundo a autora, reside na intrincada tessitura da memória, amarrando o conjunto da poética limiana, emerge numa leitura que evoca todo o prazer do texto contido em “Jorge de Lima: itinerários da memória”.

Além dos artigos até aqui anunciados, abrilhanta esta edição da *Matraga*, a entrevista com uma figura proeminente na cena acadêmica nacional – o professor Evanildo Bechara. Após oito

décadas de dedicação ao estudo rigoroso da língua portuguesa, o renomado filólogo, linguista e gramático prossegue uma trajetória irretocável em suas contribuições ao estudo da evolução histórica e das características linguísticas de textos. Detentor de notável erudição, o professor Bechara participou do processo de elaboração da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* – obra de referência que aborda as normas e as modificações recentes da língua portuguesa e que, revista e ampliada, chega à sua 39ª edição. Em seu compromisso com o aprimoramento do idioma, Bechara publicou diversos títulos, incluindo livros sobre gramática normativa e estudos linguísticos. Suas contribuições abrangem uma ampla gama de temas, desde aspectos históricos da língua até questões contemporâneas. Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 2003, onde ocupa a cadeira número 33, defende a tese segundo a qual “os professores devem transformar o aluno em um poliglota dentro da sua própria língua” (CAMARGO, 2022), ou seja, capacitá-lo a compreender a língua em todas as suas variantes, que podem ser regionais e sociais.

Encerramos o número 61 da *Matraga*, com duas belas resenhas. A primeira, referente à área de Estudos Linguísticos, é de Jonathas de Cerqueira Castro, da Universidade do Estado do Piauí (UEPI), que nos apresenta a obra *O universo da linguagem*: sobre a língua e as línguas, do renomado linguista brasileiro Aldo Bizzocchi, autor de contribuições significativas para os estudos da linguagem. Neste livro, o autor nos traz uma abordagem acessível e informativa sobre questões relacionadas à linguagem, abrangendo tópicos, como a estrutura da língua, a diversidade linguística e até mesmo aspectos culturais relacionados à linguagem. Segundo o resenhista Castro, a obra é recomendada para quem deseja iniciar seus estudos em linguística, proporcionando uma visão abrangente, desde a origem da disciplina até ramos específicos, como sociolinguística e psicolinguística. Esta é, certamente, uma relevante contribuição para lidar com um dos mais complexos fenômenos humanos: a linguagem articulada.

No campo dos Estudos Literários, os pressupostos da *poiesis* também se fazem perceber. “*Joaquim por João*: Cardozo na poesia de Cabral” é estudo crítico-analítico de Éverton Barbosa Correia, que estabelece uma relação dialógica entre duas expressões da poética pernambucana: João Cabral (o poeta-diplomata), numa contradição com Joaquim Cardozo (o poeta-engenheiro). Num estilo impecável, o resenhista Eduardo da Silva Freitas destrinça as etapas do processo organizativo do volume: da segmentação dos capítulos ao delineamento do *corpus*, do estabelecimento de subséries às cisões entre composição e peças. Uma vez mais, a “miscelânea” se apresenta à medida que nos defrontamos com a sobreposição de diferentes recortes temporais, pois Cabral “adota o expediente de inverter a cronologia de publicação das composições, começando, [...], pelo último poema em direção ao primeiro”. Na contracorrente de outros teóricos que se ocupam da obra cabralina, Freitas esclarece como o autor enxuga a generalidade para melhor mergulhar em profundidade, estreitando a quantidade de *corpora* dos quais extrai a solidariedade entre forma e conteúdo, haurida da interlocução metonímica vigente em ambas as poéticas. Divergindo da tentativa do poeta-engenheiro em se manter apartado do reconhecimento público, Cabral – o homem da “educação pela pedra” – coloca no centro do palco todas as qualidades poéticas de Cardozo, exercendo os seus poderes de medusa, petrificando-o com o olhar, instando à apreciação atenta da profundidade de sua expressão artística. A publicação do livro do qual resulta a presente resenha deixa dúvidas de que tenha logrado êxito em seu intento?



No rico universo da expressão artístico-estilística, buscamos explorar as nuances da poética, a intrincada trama da miscelânea, a “teoria da complexidade” e os matizes do hibridismo e ecletismo. Em meio a essa jornada, deparamo-nos com a complexa miscelânea da criação, na qual as fronteiras entre formas, estilos e influências se dissolvem, dando lugar a um terreno fértil para a inovação e a originalidade. À medida que mergulhamos nas interseções desses elementos, descobrimos que a verdadeira magia da criação reside na capacidade de transcender as categorias predefinidas, abraçando a diversidade e desafiando as convenções. Assim, na complexa miscelânea da criação, encontramos o espaço para a singularidade e a ressonância duradoura, testemunhando a riqueza inesgotável da expressão artística que continua a transmutar, expandindo-se além das fronteiras estabelecidas. Esperamos que este feixe complexo, composto pelos artigos, pela entrevista e pelas resenhas desta edição de “Miscelânea” da *Matraga*, traga *insights* valiosos e contribuições significativas aos pesquisadores dedicados à investigação dos mais variados fenômenos oriundos das áreas de Estudos Linguísticos e Literários.

Deise Quintiliano & Roberta Stanke

## REFERÊNCIAS

BAUMAN Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECHARA, E. M. **Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa**. Tese de concurso uma cátedra de Língua e Literatura do instituto de Educação do Estado da Guanabara. Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/textos/bechara1962-a.pdf>>. Acesso em: 02/12/2023.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Nova edição revista e ampliada pelo autor. 39ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BECK, Ulrich et al. **Sociedade de risco**. São Paulo: Editora 34, p. 49-53, 2010.

BORNHEIM, G. A. Filosofia e Poesia. **Revista Matraga**, vol. 1., n. 0, p. 61-69, 1986.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2 de 19 de fevereiro de 2002**, 04 de março de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13207-resolucao-cp-2002#:~:text=Código%20para%20do%20Twitter.,de%20licenciatura%2C%20de%20graduação%20plena>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2 de 19 de fevereiro de 2002**, 04 de março de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13207-resolucao-cp-2002#:~:text=Código%20para%20do%20Twitter.,de%20licenciatura%2C%20de%20graduação%20plena>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política



de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm)>. Acesso em: 30 nov. 2023.

CAMARGO, T.N. Devemos ser políglotas na nossa língua, afirma Bechara, 94, gramático da ABL. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 30 jul. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/07/devemos-ser-poliglotas-na-nossa-lingua-afirma-bechara-94-gramatico-da-abl.shtml>>. Acesso em: 02 dez. 2023.

GARCIA-ROZA, L. A. **Palavra e Verdade na filosofia antiga e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

GIUSTI, M. V. G. **Meditações pandêmicas: solilóquios de um professor de filosofia em quarentena**. Ponta Grossa: Atena, 2021.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 03 Dez. 2023.

LIPOVETSKY, G. **L'Ere du vide**. Paris : Gallimard, 1993.

LYOTARD, J-F. **La condition postmoderne**. Paris : Minuit, 1979.

MARTINAZZO, Celso José. **A utopia de Edgar Morin: da complexidade à consciência planetária**. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

MORIN, E. **O método I. A natureza da natureza**. Portugal: Publicações Europa-América, 1987.

PLATÃO. **República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisieri.